

Suplemento Cultural

A FREIRA – ‘EM MEMÓRIA DA IRMÃ FELICIDADE, A SONHADORA’

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR – professor, advogado, poeta/cronista

Sozinha, de joelhos, na capela silenciosa e colorida pelo sol nos vitrais, ela medita e reza diante do tabernáculo de Jesus Eucarístico.

Ainda é jovem e bonita e, emoldurada pelo véu religioso de Irmã, parece uma santa que desceu do altar e se prostrou em oração.

No pátio do internato, em recreio, as alunas se misturam com flores e borboletas, naquele dia de primavera. O sol aquecedor abençoa a todos e a tudo.

Somente quando a sineta soa chamando de volta às salas de aula, a fila se forma e a calmaria volta a reinar no grande e antigo edifício do Colégio.

Sempre fora irrequieta, fantasista, sonhadora, imaginando viagens por mares desconhecidos. Amava a beleza das montanhas azuis do lugar onde nascera e a música dos pássaros na floresta, com musgos e orquídeas meditativas.

Quando a mãe faleceu, o pai a levou, menina ainda, para o colégio das freiras. Logo foi admirada pelo talento musical e artístico e pelo gosto das coisas bonitas em geral.

Alegre, criativa, meio líder no meio das colegas, o olho clínico das Irmãs não deixou escapar.

Assim, Irmã Felicidade começou a lecionar sem monotonia, sem carranquice e sim sorridente, quase festiva. Aulas agradáveis. Os alunos, principalmente os menores, apegavam-se mais e mais a ela, porque era excepcionalmente maternal.

Muito ativa, recolheu meninos pobrezinhos e até de rua, arrumou trabalhos manuais com uma empresa e eles, depois das aulas, na parte da tarde, ao redor de grandes mesas, trabalhavam sob sua direção.

Depois, foi a vez das mães solteiras, iniciativa dela. Durante a gestação e até seis meses depois do parto, dirigidas por ela, ficavam na grande casa das Irmãs, sob os seus cuidados.

Quantas vezes, ela se demorou, solitária, em concentração, olhando as distâncias, na grandiosidade da natureza!

“Meditando, Irmã!”. Diziam-lhe outras freiras quando passavam por ela.

Entre piedade, oração e seus bonitos e longos devaneios, cumpria pontualmente suas obrigações religiosas e seus trabalhos.

Formou-se farmacêutica e fez curso de enfermagem. Poderia ser útil para a própria comunidade, onde vivia.



“Mãos que servem são mais santas que lábios que rezam.”

Madre Teresa

Como Madre Teresa ou Irmã Dulce, ‘Irmã Felicidade’ foi inolvidável exemplo de dedicação, caridade e amor ao próximo

“

Quantas vezes, ela se demorou, solitária, em concentração, olhando as distâncias, na grandiosidade da natureza!”

Mas não ficou nisso. Começou a percorrer os casebres, os barracos da pobreza das adjacências, dando orientações de vida saudável, conselhos e, com palavras, ia semeando a boa semente da fé e do amor a Deus.

Muitas vezes, no seio da comunidade, foi chamada à portaria, porque havia alguém pedindo um conselho, uma palavra de conforto, um alimento.

Já sexagenária, mas ainda forte e laboriosa, a Superiora achou que seria mais necessária na maternidade do grande hospital da cidade.

Lá, o seu carinho e solicitude se multiplicaram para com mães e seus bebês.

Exercia um poder mágico sobre as parturientes. Na Missa dominical, na capela que estava aberta ao público, ia de banco em banco cumprimentando e sorrindo bondosamente a todos.

Como auxiliar de cirurgia, era prestimosa e rápida, a ponto de os cirurgiões darem preferência a ela.

Naquela noite, após à cirurgia demorada, posta em ordem a sala cirúrgica, desceu e ficou mirando encantada a lua cheia. O médico, diretor do hospital e que fora seu aluno, encontrou-a:

- Olá Irmã, como está bonito o luar!

- Uma beleza, quase divina, parece que está nascendo da montanha!

O médico deu-lhe o braço e, passo a passo, a foi conduzindo pela calçada.

- Sabe, doutor, quando eu era moça, queria muito ir à lua. Não estranhe, eu fui e muitas vezes, em sonho. É, em sonho, pode acreditar. Também viajei por mares e mundos desconhecidos. Como viajei! O que é a vida sem sonhos! Acredite que vencem os que sabem sonhar!

De braços dados, caminhando lentamente, como que navegando no luar, dirigiam-se para a casa das Irmãs. Na porta, o médico falou:

- Está entregue, Irmã. Beijou-lhe a mão delicada e disse:

- Boa noite.

Ela traçou sobre ele o sinal da cruz e entrou.

A noite era um banho de luz prateada. Na torre da matriz, o carrilhão badalava as horas.

Hoje, na porta da frente da maternidade, a placa de bronze diz:

“Em memória da Irmã Felicidade. A Sonhadora”.

POESIA

RÉVEILLON

Na senda dos meus olhos avivados,
Floresce com esplendor um novo tempo,
Trazendo amor e paz, luz e acalento
Ao mundo com seus dias já contados.

É um ópio que inebria o pensamento,
Deixando longe a imagem de um passado,
Que da retina foge, enfim, cansado,
Perdido tal qual folha solta ao vento.

É assim que o calendário se renova
Na vida do cristão, amado povo,
Que Deus, em seu juízo, põe à prova...

Com a morte do ano velho, que descansa,
Brindando-nos com um próspero Ano Novo,
Pra renascermos cheios de esperança.

JOSÉ PEDRO FRAZÃO

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASL

O Presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, no uso de suas atribuições e em cumprimento ao art. 25 do Estatuto da ASL, convoca todos os membros efetivos para reunião ordinária a realizar-se na sede atual da Academia (Rua 14 de Julho nº 4715), no próximo dia **10 de janeiro**, às **14h**. A reunião tratará de assuntos gerais de interesse do Sodalício, especialmente plano de atividades e formação de comissões. Contamos com as presenças de todos os acadêmicos.

Campo Grande, 06 de Janeiro de 2018
Henrique Alberto de Medeiros Filho
(Presidente)

UM FRONTEIRIÇO LEGÍTIMO...

HÉLIO SEREJO

Bem nas orilhas da fronteira com o Paraguai - no aberto da paisagem imensa - como um marco de tradição e histórica, se ergue, amiga e hospitaleira, a Fazenda Estrela, bafejadas, nas tardes mornas, pelos ventos paraguaios e brasileiros, em cadência sentimental de prece.

O pátio gramado, cuidadosamente tratado, é um repasto delicioso para os olhos de todos e de qualquer cristão.

Nessa estância fronteiriça, sempre imperaram a decência, o “bom dia” de amizade e a hospitalidade - uma tradição que varou os tempos, herança magnífica das raízes avoengas.

No fogo do anoitecer ou das madrugadas gélidas, de vento sibilador e cortante, sempre havia um arroz carreteiro, um viradinho de feijão com misturas de alho, carne de porco picada, conservada na “banha” em latas de gasolina ou de querosene, o torresminho de estalar a língua, o gordo guisado de mandioca, bolinho de carne, lingüiça, charque campeiro, ovo frito, bife fronteiriço, mandioca frita, a canjiquinha de milho feita com carne verde, café, leite, coalhada, chá-mate, pão caseiro, bolinho da vovó, rosquinha de fubá, bolinho de polvilho, requeijão, queijo, mel de “oropa”, galheta paraguaia, mate, doce de leite e coco, curau, pamonha, doces variados, rapadura de massa

e, sempre e sempre, o chimarrão e o tereré da preferência de todos.

Para o pernoite, a cama confortável, o catre de pelegos e a rede lisa ou colorida.

No galpão, a tarimba de boa palha de milho para o carreteiro que quisesse descansar os ossos, vendo pelas frestas os fiapos do luar da fronteira.

Quando o mascate insistidor, o carreteiro de pachorra beneditina, o comprador de boiões, ou o trocador de faces demudadas pelo anejar de muitos dias chegavam, o largo sorriso do proprietário antecipava o abraço de “boas vindas” e a face crioula imperecível - “Apeie amigo, que o rancho é seu!”.

Quantas e quantas noites, sob o resplandecer das estrelas, ou sob o fogacho bombeador da lua andariega, uma “musiqueada” não irrompeu para alegrar a festança do homem caboclo, cavalheiro, sempre risueño, bondadoso, simples, e de coração sertanejo cultivador da estima sem mácula? Quantas, Santo Deus!

Aryno Moreira “o vaqueiro cuera” e sua digníssima esposa “Nhá” Rosalina são os amáveis hospedeiros dessa fazenda histórica. Um casal feito de bondade, em cujos corações crioulos o amor fez morada.

Como tantos outros, esse par modelo, ao qual rendemos nossas homenagens de benquerença, faz parte da história multifária da fronteira...

O caráter do povo brasileiro

ARASSUAY GOMES DE CASTRO

Pelo comportamento de um indivíduo na sociedade, podemos perceber os traços gerais de seu caráter e de sua personalidade. Seguindo vários autores, apontamos aqui o que parece ser a síntese do caráter brasileiro nos seus aspectos mais evidentes.

Misticismo: o brasileiro é um povo dotado de profunda religiosidade. Milhares de cidades têm nomes de santos; milhares de igrejas e templos reúnem crenças para cultos e orações; o ensino religioso é permitido nas escolas. Há muitas crenças e notadamente entre as camadas mais simples da população.

Sensibilidade: o brasileiro é muito sensível, quase sentimental; é comunicativo, afável e cordial. Emociona-se com facilidade, chegando, às vezes, a zombar de quem não demonstra seus sentimentos.

Senso de humor: o brasileiro possui um senso de humor todo especial. É um humor sofrido, feito de ironia, paciência e resignação, que é sua melhor arma contra os males de todos os tipos e dimensões: maus governos, falta de dinheiro, carestia, inclemências do tempo e da natureza em geral.

Resignação: constitui um traço profundo das camadas populares, principalmente das populações rurais como as do nordeste, que se resignam com as condições climáticas e as limitações de sua economia.

Exibicionismo: há um a tendência geral para a loquacidade e para muitos discursos, para a mania de exibição e erudição em qualquer comemoração, festa ou reunião.

Informalismo: as relações sociais do brasileiro não deslumbrado pelo mundo estrangeiro visto em filmes são caracterizadas pela descontração, tanto no vestir

quanto no comunicar-se; o brasileiro típico não se dá muito bem com as etiquetas e as convenções demasiadas rígidas.

Adaptabilidade: o brasileiro adapta-se com facilidade a qualquer espécie de clima ou ambiente de trabalho.

Individualismo: o brasileiro é extremamente individualista; ainda não se habituou ao trabalho em equipe. Mesmo os esportes que exigem esforço da equipe são modificados em pretexto para quebras de táticas e improvisações.

Tendência para o descanso: o brasileiro tem uma tendência toda especial para gostar dos ‘pontos facultativos, dos dias santificados e dos feriados’. Isso traduz uma certa indolência ou falta de entusiasmo pelo trabalho. Esta tendência tem origem nos povos negros e índios.

Alegria: o brasileiro é alegre. A euforia se manifesta claramente no ritmo de suas músicas mais características, nas melodias, na sua arte popular, em seus festejos, em suas comemorações cívicas e religiosas.

Igualitarismo: há no Brasil um alto espírito de igualdade racial presidindo a vida das comunidades. Não há discriminação racial em clubes, templos, escolas e oficinas. Os casos esporádicos de discriminação são rejeitados como escândalo pela população em geral.

Espírito cívico: o espírito cívico manifesta-se na maneira de o brasileiro acorrer ao serviço militar, no respeito aos símbolos nacionais, no modo de atacar os apelos do governo, na participação do esforço em prol do desenvolvimento econômico, educacional e nas campanhas financeiras para ajuda de pessoas portadoras de doenças desconhecidas.